

O «Inventário Clínico de Auto-Conceito»⁽¹⁾

POR

ADRIANO VAZ SERRA *

No presente trabalho é apresentado o desenvolvimento de uma escala de avaliação de aspectos emocionais e sociais de auto-conceito, designada para especial aplicação à clínica.

Constituída por 20 questões, que podem ser quotadas de 1 a 5, está elaborada de forma a que, quanto mais alta a pontuação obtida, melhor é o auto-conceito do indivíduo.

O Coeficiente de Spearman-Brown foi de .791, para 920 elementos da amostra e, o coeficiente de correlação *teste × reteste*, foi de .838, para 108 elementos, o que revela boa consistência interna e estabilidade temporal.

A correlação entre uma classificação pessoal de auto-conceito e a nota global da escala foi, para 920 elementos, de .466, revelando-se positiva e altamente significativa, o que é sugestivo de uma boa validade de constructo.

Uma análise factorial de componentes principais e de rotação ortogonal, permitiu extrair seis factores, cujas características são discutidas no texto.

Escalas para medir o auto-conceito

Há actualmente diversas escalas que têm sido utilizadas para avaliar o auto-conceito, utilizando, como referem Wells e Marwell (1976), processos de medida padronizada, objectiva e quantificada.

Padronizada, no sentido de que os processos de avaliação são equivalentes para todas as pessoas cujo auto-conceito se quer medir, em quaisquer condições em que seja efectuada.

Objectiva, porque os resultados obtidos são independentes da pessoa que administra a escala.

E *quantificada*, porque tais escalas costumam subordinar-se a regras que atribuem valores quantitativamente diferentes à apreciação de cada atributo.

Sendo o *auto-conceito* um fenómeno íntimo e pessoal, estas escalas são, necessariamente, de auto-avaliação e não de avaliação por observador (Marsh, Smith e Barnes, 1983).

Na maioria dos casos são escalas de *descrições verbais*, em que o indivíduo se classifica segundo

um dado valor, em cada atributo definido pelo item da escala.

Outras há que pretendem ser *não-verbais*, utilizando respostas geométricas, simbólicas ou pictóricas. No entanto, qualquer destas não deixa de ser verbal na sua essência porque, para o seu preenchimento, há sempre instruções que orientam a forma como o indivíduo deve responder.

Nas escalas mais comuns, a pessoa costuma classificar-se em cada item num intervalo que vai de zero a quatro ou de 1 a 5 pontos. Há autores, no entanto, que vão ao máximo de 11 pontos.

O número de questões deve estar em equilíbrio com o número de pontos atribuídos.

Uma escala, por exemplo, constituída por 100 questões diferentes, que precisam de ser respondidas apenas num contexto de sim ou de não, pode oferecer uma dificuldade semelhante a uma escala de muito menor número de itens, que precisam de ser respondidos em função de um maior número de categorias classificativas.

⁽¹⁾ Trabalho apresentado no dia 25 de Outubro de 1985, em Coimbra, no I Congresso Português de Terapia Comportamental.

(*) Professor Catedrático de Psiquiatria da F. M. C., Director da Clínica Psiquiátrica dos H. U. C. e Professor da Cadeira de Terapêutica do Comportamento da F. P. C. E. da Universidade de Coimbra.

Há várias escalas conhecidas de auto-conceito. Uma, por exemplo, bastante divulgada, é a *Tennessee Self-Concept Scale*, construída por Fitts et al. (1965). Permite obter vários índices que constituem processos de avaliação de um indivíduo, que vão desde a auto-crítica até à auto-consideração positiva, e em diversos estudos empíricos, Fitts tem verificado que há agrupamentos de itens que são sensíveis ao mau ajustamento geral da pessoa, às situações de Neurose ou de Psicose, aos distúrbios de personalidade ou à situação de uma personalidade bem integrada. É, no entanto, uma escala extensa, pois tem cem itens, e a sua aplicabilidade nem sempre se torna prática, pela exigência do tempo que leva a preencher.

Outra, o *Self Descriptive Questionnaire* (Marsh et al., 1983), é constituída por 66 questões, que procuram fazer uma avaliação do auto-conceito segundo as dimensões multi-facetadas referidas por Shavelson et al. (1976) e Shavelson e Bolus (1982), nomeadamente o auto-conceito académico, emocional, social e físico. Uma análise factorial desta escala encontrou 8 factores, capazes de explicar 51% da variância, que correspondiam às dimensões definidas por Shavelson. Tem sido sobretudo utilizada em estudos de populações escolares.

Estas dimensões de Shavelson foram igualmente comprovadas por Fleming e Courtney (1984).

Recentemente Williams e Workman (1978) referem a construção de uma escala comportamental de auto-conceito, projectada fundamentalmente para avaliação do auto-conceito de crianças visando, sobretudo, o auto-conceito escolar. Foi construída após observação prévia de comportamentos de crianças na escola e é constituída por 36 pares de actividades (por exemplo, ler, subtrair ou brincar), postas verbalmente ou de forma pictórica.

Independentemente de escalas deste tipo que são, fundamentalmente, de *tipo Likert*, outras há, de natureza diferente. Assinalam-se aqui os diferenciais semânticos, desenvolvidos por vários autores, as escalas de estímulos múltiplos, a extracção de cartões ou as respostas a *Who am I?*

Quanto aos *diferenciais semânticos* têm levantado problemas de duas ordens. Uma, a sua comparabilidade, pela dificuldade de equivalência entre medidas diversas usadas em locais diferentes de investigação. Outra, a dificuldade na correspondência dos termos quando se trata de idiomas diferentes do original.

Na *extracção de cartões*, em que um indivíduo deve fazer um número específico de agrupamentos, em que coloca os cartões por ordem segundo a

forma como o definem, a sua capacidade de selecção é restrita e pode estar a escolher aquele que dá o relato mais aproximado, em lugar daquele que verdadeiramente o descreve.

Entre nós, Gilberto de Sousa (1985) procurou também definir perfis de auto-conceito, significativos em actividades ocupacionais.

O propósito do presente trabalho é apresentar uma nova escala de auto-conceito — o *Inventário Clínico de Auto-conceito* — destinada, fundamentalmente, como a própria denominação procura indicar, a uso clínico.

Como tal, exclui intencionalmente algumas facetas do auto-conceito descritas por Shavelson et al. (1976) e Shavelson e Bolus (1982), procurando registar apenas dados significativos, relacionados com o *auto-conceito social e emocional*.

MATERIAL E MÉTODOS

Pesquisa de questões significativas

A pesquisa das questões significativas a incluir na presente escala foi feita segundo um critério quádruplo.

Primeiro, revendo as descrições feitas na literatura, sobre auto-conceito e seleccionando as questões que parecessem mais significativas salientadas por AA. que se têm distinguido nesta área. Nesta revisão da literatura incluímos também as descrições, feitas por Albert Ellis, criador da Terapia Racional Emotiva, sobre comportamentos específicos próprios de pessoas emocionalmente perturbadas. Na selecção destes comportamentos tivemos a preocupação de *eliminar* todos aqueles que traduzissem manifestações de *ansiedade* ou de *depressão* ou que pudessem ter um aparecimento esporádico. Tentámos assim só apurar itens que possuíssem características de estabilidade temporal. Procurámos excluir questões de ansiedade e de depressão para, tal como salientam Fleming e Courtney (1984), evitar inflacionar os resultados a quando da correlação desta escala de Auto-Conceito com estados de ansiedade e de depressão.

Nas figuras 1, 2 e 3 estão mencionados os itens recolhidos de alguns autores, usualmente considerados fonte de referência.

O *segundo* critério foi tentar incluir itens que não proviessem de população considerada perturbada mas sim normal, susceptível de servir como um aspecto informativo de qualquer pessoa, ao ser descrita, na sua vida quotidiana.

ALBERTO ELLIS

As pessoas com perturbações emocionais reconhecem-se por:

- indecisão e dúvida
- formação fácil de «medos»
- sentimentos de incapacidade
- sentimentos de culpabilidade e auto-recriminação
- sensível aos comentários, desconfiança exagerada
- hostilidade e ressentimento
- humilhação
- falta de realismo
- rigidez
- timidez e isolamento
- infelicidade, etc.

FIG. 1

FITTS (1972) — Refere que as pessoas com Auto Conceito claro, consistente, positivo e realista se comportam de maneira saudável, confiante, construtiva e efectiva.

Tais pessoas são:

- seguras, confiantes, com respeito próprio
- não precisam de «provar aos outros»
- sentem-se menos ameaçadas pelas tarefas difíceis, pessoas e situações
- relacionam-se e trabalham de forma mais efectiva e confortável junto dos outros
- as suas percepções do mundo da realidade têm menor tendência a serem distorcidas

FIG. 2

WELLS e MARWELL (1976)

Auto-estima alta:

- associada com bom ajustamento e auto-aceitação
- a pessoa só gosta dos outros se gostar de si própria

Auto-estima baixa:

- falta de confiança
- dependente dos outros
- envergonhada
- usa fachadas defensivas
- não imaginativa
- conformada com os valores
- rígida e autoritária, etc.

FIG. 3

Esta tentativa pode parecer redundante porque, auto-conceito, bom ou mau, todos têm, quer sejam doentes ou não. Mas usámos este critério para não omitirmos questões que pudessem ficar excluídas, se fossem utilizadas apenas amostras de populações perturbadas.

Solicitámos entretanto, em *terceiro lugar*, aos oito elementos que faziam parte do Seminário de

Terapêutica do Comportamento do ano lectivo 1984/1985, que tentassem elaborar uma lista de questões, tão exaustiva quanto lhes fosse possível, que pudessem descrever uma pessoa, tal e qual se apresenta no contacto de todos os dias. Procedemos desta forma porque este grupo constituía um conjunto de alunos do último ano da licenciatura em Psicologia, com treino em fazer descrições objectivas de comportamentos.

Por *último*, tentámos alinhar cada adjetivo encontrado em função do seu antónimo, na medida em que precisávamos incluir na escala não só perguntas elaboradas de forma positiva, como igualmente negativa, a fim de evitar fenómenos de *acquiescência* e de *tendência de resposta*.

Wells e Marwell (1976) referem que o conteúdo das diversas questões pode variar substancialmente. Os estímulos apresentados costumam sempre envolver qualquer tipo de adjetivo. Aquelles autores assinalam que é discutível se dado estímulo tem vantagem sobre outro. Mas assinalam que os estímulos de adjetivo único podem estar mais sujeitos a interpretações semânticas equívocas do que as descrições por palavras múltiplas.

Decidimos por isso construir frases que definissem claramente uma situação e salientassem apenas uma única característica da pessoa.

Construímos, desta forma, uma escala original, de 75 questões.

A figura 4 sintetiza algumas das questões então explicitadas.

Procurámos incluir, conforme se pode observar, itens elaborados num sentido positivo e igualmente negativo.

- 5 — Tenho por hábito cumprir com os compromissos assumidos.
- 9 — Fazendo um balanço da minha vida penso que me tenho saído com êxito.
- 20 — As pessoas fartam-se facilmente de mim.
- 30 — São-me indiferentes as qualidades ou os bens materiais das outras pessoas.

FIG. 4

Pontuação atribuída aos itens

Sendo esta uma escala de tipo Likert, decidimos criar a possibilidade de cada questão ser distribuída por cinco categorias diferentes, cada

qual com mais um ponto do que a anterior. Nas questões negativas as pontuações são revertidas. Assim, cada questão, pode ir de um mínimo de 1 a um máximo de 5.

De modo geral a escala está concebida de forma a que as pontuações vão subindo da esquerda para a direita obtendo-se, no final, a soma total dos itens. Quanto mais alto o valor melhor é o auto-conceito da pessoa.

Nas questões elaboradas de forma negativa, as pontuações são revertidas, conforme mencionámos, de forma a que uma pontuação mais alta exprima sempre um melhor auto-conceito.

A escolha de uma pontuação em cinco categorias diferentes, foi feita por várias razões.

Primeiro, porque assim acontece com a maioria das escalas de tipo Likert.

Por outro lado, a *fidedignidade* de uma escala aumenta consideravelmente a partir de duas categorias classificativas.

Finalmente, não ultrapassámos as cinco categorias classificativas porque se admite igualmente que a possibilidade de auto-classificação de uma pessoa se torna de discriminação difícil a partir de sete categorias diferentes (Wells e Marwell, 1976).

Adoptámos como categoria mínima, em cada questão, o um e não o zero, para facilitar o trabalho de cálculo estatístico.

A escala, na sua versão definitiva, actual, tem, tal como de início foi esboçada, cinco possibilidades de resposta, diferenciadas em termos de «Não concordo», «Concordo pouco», «Concordo moderadamente», «Concordo muito» e «Concordo muitíssimo». Esta versão, assim redigida, foi a que levantou menor número de dificuldades de interpretação, tendo sido escutadas não só a opinião de pessoas da população em geral como igualmente doentes.

Admite-se que a existência de uma categoria intermédia de resposta, entre valores extremos, traz uma maior comodidade e facilidade de resposta a quem se auto-classifica.

Refinamento da escala

A selecção das questões a incluir na versão final da escala atravessou diversos *processos de depuração*.

Os processos iniciais foram, fundamentalmente quatro:

1. — Eliminação de todas as questões que fossem consideradas ambíguas ou suscitassem a possibilidade de mais de uma resposta.

2. — A eliminação de todas as questões que se revelassem más discriminadoras, em termos de grupos extremos, ou seja, de pessoas com bom ou com mau auto-conceito.

3. — Eliminação de todas as questões que revelassem ter uma correlação positiva inexistente ou não-significativa para além de um valor de $P < .001$, com a *nota global* obtida de auto-conceito e, finalmente,

4. — Eliminação de todas as questões que traduzissem a existência de diferenças significativas entre os dois sexos.

Os processos metodológicos assinalados nos pontos 2 e 3 são aconselhados por McIver e Carmines (1981), para a construção e avaliação de uma escala unidimensional de tipo Likert.

O ponto 4, visa obter uma escala global, que não contenha uma informação distorcida, que caracterize melhor um dos sexos do que outro. Este procedimento tem sido usado na construção de certos inventários.

O ponto 1, visa a obtenção de uma escala que melhore na sua capacidade interpretativa.

As figuras a seguir apresentadas revelam alguns dos itens originais que revelaram uma má correlação com a nota global do auto-conceito (figura 5) e discriminação no confronto dos dois sexos entre si (figura 6).

-
- 16 — Acho que sou uma pessoa nervosa
 - 19 — Preocupo-me facilmente com os acontecimentos da minha vida
 - 36 — Considero que dentro de mim existe *um pequeno canalha*
 - 55 — Aprecio sobretudo as pessoas de quem posso obter favores, etc.
-

FIG. 5 — Itens com fraca correlação com a nota global

Homens	
2	No cumprimento das minhas obrigações acho que sou preguiçoso
6	Gosto de me gabar do que tenho ou sou
7	Costumo ser um optimista quando encaro os acontecimentos da minha vida
Mulheres	
1	Considero-me uma pessoa alegre
43	Sinto-me aborrecido quando, em tarefas semelhantes, as outras pessoas se saem melhor do que eu
63	Gosto muito de saber o que se passa na vida dos outros

FIG. 6 — Discriminação homens/mulheres

Este primeiro refinamento da escala ocorreu quando estavam recolhidos 501 casos da população em geral.

Passámos assim dos 75 itens iniciais para apenas 31. Então, esta escala com 31 questões, foi aplicada a mais elementos da população em geral, até conseguir obter um número que fosse suficientemente extenso, que nos permitisse apurar ainda mais a própria escala.

Tendo aproveitado os elementos inicialmente recolhidos e juntando outros, da população em geral, obtivemos um total de 920 elementos, com os quais fomos fazer diversos estudos para completar a informação da escala.

Quando obtivemos o número de elementos assinalados, excluímos ainda alguns itens que acabaram por revelar diferenças significativas entre sexos. Excluímos também outros que demonstraram uma correlação não muito significativa com a nota global do auto-conceito. Fizemos isto porque tivemos a preocupação de construir uma escala que *definissem um conceito unitário*.

Por último, excluímos ainda mais alguns que, em processos sucessivos de análise dos componentes principais e rotação ortogonal, revelaram um peso fraco no respectivo factor.

Finalmente, da escala de 31 itens, do primeiro refinamento, acabámos por ter uma escala apenas de 20 questões, que a seguir se apresenta (figura 7).

Inventário clínico de auto-conceito

Vamos tentar explicar a escolha desta denominação.

Chamámos-lhe *inventário* porque, para além de uma nota global, permite extrair vários índices que trazem consigo igualmente informação sobre a pessoa. Estes índices foram o resultado directo de processos de análise factorial.

De acordo com Oppenheim (1966) «Um inventário é, essencialmente, uma lista em que se pede ao respondente para colocar uma marca de um modo particular». «Pode consistir numa lista de interesses, de traços de personalidade, de sentimentos emocionais ou, simplesmente, de actividades de lazer». «Os inventários, segundo o mesmo autor, são semelhantes às escalas subjectivas, excepto que são conceptualizados para obter uma

ou mais pontuações (da soma dos itens totais ou de sub-agrupamentos de itens)» (pp. 94-95).

Chamámos-lhe *clínico* porque, o nosso objectivo inicial, foi criar um instrumento com utilidade para a prática clínica. Esta escala apenas foca aspectos emocionais e sociais de auto-conceito, considerados importantes no ajustamento pessoal (Bandura, 1978, Fleming e Courtney, 1984).

Denominámo-lo de *Auto-conceito* porque, fundamentalmente, procura registar as percepções que a própria pessoa tem de si própria.

Instruções

Como o auto-conceito deve ser considerado uma medida de traço de personalidade e, por conseguinte, uma dimensão estável, as instruções têm de chamar a atenção para este aspecto.

No início da escola e, antes do indivíduo responder, deve ler as instruções seguintes:

«Todas as pessoas têm uma ideia de como são. A seguir estão expostos diversos atributos, capazes de descreverem como uma pessoa é. Leia cuidadosamente cada questão e responda verdadeira, espontânea e rapidamente a cada uma delas. Ao dar a resposta considere sobretudo *a sua maneira de ser habitual* e não o seu estado de espírito de momento. Coloque uma cruz (x) no quadrado que pensa que se lhe aplica de forma mais característica».

Análise estatística

Para além da determinação de médias, desvios e erros padrões e variâncias, foi feito ainda um estudo de percentilagem, de diferença estatística entre médias, de correlações e de análise factorial, pelo método dos componentes principais e rotação ortogonal dos eixos principais.

A análise da escala quanto tinha 75 questões foi feita no Centro de Cálculo Automático da Universidade de Coimbra. A partir das 31 questões a quase totalidade do estudo foi feita num computador pessoal Apple IIC⁽¹⁾.

Colheita da amostra

Os elementos da amostra correspondem a alunos do 6.º ano da F. M. C. do ano lectivo

(1) Aproveito para agradecer ao Professor Matos Barbosa (Director do Centro de Cálculo Automático da U.C.) as facilidades e sugestões concedidas e ainda aos Drs. Horácio Firmino, Ana Paula Matos e Margarida Robalo a colaboração prestada na quotação de escalas, lançamento de dados no Computador e ajuda nalguns cálculos estatísticos. Agradeço ainda aos Drs. Suzana Gonçalves e Rui Antunes a colaboração prestada na recolha de casos para a constituição da amostra.

INVENTÁRIO CLÍNICO DE AUTO-CONCEITO

(A. VAZ SERRA — 1985)

Nome _____ Idade _____ Estado civil _____ Data ____/____/____

Sexo _____ Habilitações _____ Profissão _____

Naturalidade _____ Residência _____

F1 (1+4+9+16+17)= _____ F2 (3+5+8+11+18+20)= _____ F3 (2+6+7+13)= _____ F4 (10+15+19)= _____ Total= _____

Instruções

Todas as pessoas têm uma ideia de como são. A seguir estão expostos diversos atributos, capazes de descreverem como uma pessoa é. Leia cuidadosamente cada questão e responda verdadeira, espontânea e rapidamente a cada uma delas. Ao dar a resposta considere, sobretudo, a sua maneira de ser habitual, e não o seu estado de espírito de momento. Coloque uma cruz (x) no quadrado que pensa que se lhe aplica de forma mais característica.

	Não concordo	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo muito	Concordo muitíssimo
1 — Sei que sou uma pessoa simpática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 — Costumo ser franco a exprimir as minhas opiniões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 — Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4 — No contacto com os outros costumo ser um indivíduo falador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5 — Costumo ser rápido na execução das tarefas que tenho para fazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6 — Considero-me tolerante para com as outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7 — Sou capaz de assumir uma responsabilidade até ao fim, mesmo que isso me traga consequências desagradáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8 — De modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os meus problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9 — Sou uma pessoa usualmente bem aceite pelos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10 — Quando tenho uma ideia que me parece válida gosto de a pôr em prática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11 — Tenho por hábito ser persistente na resolução das minhas dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12 — Não sei porquê a maioria das pessoas embirra comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13 — Quando me interrogam sobre questões importantes conto sempre a verdade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14 — Considero-me competente naquilo que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15 — Sou uma pessoa que gosta muito de fazer o que lhe apetece	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16 — A minha maneira de ser leva a sentir-me na vida com um razoável bem-estar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17 — Considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18 — Quando tenho um problema que me aflige não o consigo resolver sem o auxílio dos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19 — Gosto sempre de me sair bem nas coisas que faço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20 — Encontro sempre energia para vencer as minhas dificuldades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1984/1985 e do 3.º e do 5.º ano da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, do mesmo ano lectivo. Igualmente fazem parte elementos inscritos no Seminário de Terapêutica do Comportamento, realizado no decurso do ano lectivo 1984/1985, no Hospital Magalhães de Lemos, no Porto.

Além disso, foram recolhidos elementos da população em geral nas zonas de Coimbra, Feijó, Almada e Setúbal, totalizando 920 elementos.

RESULTADOS

Características gerais da amostra

Estão apresentadas nos Quadros 1 e 2. No Quadro 2 verifica-se que as diferenças entre médias não são significativas, confrontando um e outro sexo. Para a maioria dos itens as pontuações obtidas localizam-se à volta do valor intermédio de 3.

Não podemos conhecer a forma como um indivíduo se desvia do grupo se não conhecermos estas médias. A pontuação de um indivíduo em relação à média do grupo pode, segundo McIver e Carmines (1981), ser expressa pela simples diferença entre a pontuação do indivíduo e a média do

grupo. Se quisermos então conhecer como é que esse indivíduo se afasta da média do grupo, podemos, de acordo com aqueles autores, converter a diferença de pontuações ente o indivíduo e a média do grupo, num valor de z , dividindo esta diferença pelo valor do desvio padrão da amostra.

Consideremos, concretamente, que um indivíduo obtém uma pontuação de 64 no I.C.A.C. A diferença entre esta pontuação e o valor da

QUADRO I — Características Gerais da Amostra

	Total 920	Homens 486	Mulheres 434
N			
Idade			
\bar{X}	29.99	30.99	28.86
D.P.	11.75	11.91	11.47
Períodos Etários			
15-19 Anos	97	40	57
20-39 Anos	643	341	302
40-59 Anos	158	92	66
> 60 Anos	22	13	9
Grau de Instrução			
Primário	121	73	48
Secundário	465	236	229
Universitário	334	177	157

QUADRO II

I. C. A. C.

N	Total 920		Homens 486		Mulheres 434		$\bar{X}_H - \bar{X}_M$	$\pm 1.96 >$	$\sqrt{\frac{s_H^2}{N_H} + \frac{s_M^2}{N_M}}$
	\bar{X}	D.P.	\bar{X}	D.P.	\bar{X}	D.P.			
Auto- -Conceito	72.142	7.191	72.208	8.143	72.069	7.836	.139	n.s.	
1	3.073	.819	3.078	.875	3.067	.752	.529	n.s.	
2	3.679	.859	3.683	.875	3.675	.842	.008	n.s.	
3	4.297	.899	4.261	.941	4.336	.857	.008	n.s.	
4	3.003	1.018	3.000	1.031	3.077	1.005	.007	n.s.	
5	3.258	.900	3.294	.943	3.217	.848	.078	n.s.	
6	3.346	.955	3.331	.980	3.362	.927	.003	n.s.	
7	3.720	.967	3.704	1.009	3.737	.919	.003	n.s.	
8	3.765	.846	3.786	.839	3.742	.853	.044	n.s.	
9	3.324	.772	3.317	.796	3.332	.745	.015	n.s.	
10	3.859	.820	3.844	.869	3.876	.762	.052	n.s.	
11	3.424	1.092	3.409	1.087	3.440	1.099	.031	n.s.	
12	4.395	.884	4.360	.869	4.433	.890	.073	n.s.	
13	3.743	.915	3.702	.944	3.790	.881	.089	n.s.	
14	3.557	.813	3.613	.834	3.493	.784	.012	n.s.	
15	3.716	1.094	3.722	1.082	3.710	1.108	.013	n.s.	
16	3.155	.940	3.183	.938	3.124	.943	.059	n.s.	
17	3.282	.837	3.319	.894	3.240	.768	.079	n.s.	
18	4.958	.950	4.064	.958	4.051	.943	.013	n.s.	
19	4.096	.787	4.097	.799	4.094	.777	.003	n.s.	
20	3.395	.894	3.440	.894	3.343	.891	.097	n.s.	

média é de — 8. Dividindo este valor pelo desvio padrão, comprovamos que há um afastamento sensivelmente igual a —1 desvio padrão. Isto significa, então, que 85% dos indivíduos se localizam acima deste valor. Neste caso concreto, um tal indivíduo tem um auto-conceito muito pobre.

Se, em lugar de 64 o valor da pontuação for de 80, passa-se a situação inversa e, tal valor, revela que tem acima dele apenas 16% da amostra, o que indica um auto-conceito muito bom.

Teste de normalidade

Os Quadros III e IV, revelam-nos a distribuição de valores em cada resposta. A fim de determinarmos a distribuição normal da escala efectuámos o coeficiente de correlação entre quartis, para o qual obtivemos um valor de .9927. Revelou-se superior a um nível de $P < .01$, o que é abonatório da sua distribuição normal.

Percentilagem

Os seus valores ajudam a conhecer a posição relativa de cada elemento em confronto com o grupo.

Está apresentada no quadro V considerando os dois sexos em separado. Um homem com um valor de 73 estará colocado numa posição intermédia e, uma mulher, com um valor de 80 terá um auto-conceito bastante acima da maioria.

Capacidade discriminatória dos itens

A capacidade discriminatória dos itens foi estudada através de três processos distintos.

O primeiro, estabelecendo a diferença entre médias dos itens correspondentes aos 25% inferiores e aos 25% superiores da amostra. Naturalmente que aquele que, nestas condições, revele uma diferença mais elevada, é o melhor discriminador entre as pessoas de bom e de mau auto-conceito. Este método tem a desvantagem de negligenciar a informação de cerca de 50% da amostra, pois só compara entre si os extremos.

O segundo, efectuando um estudo de correlações entre cada item e a nota global. Este valor tem a vantagem de aproveitar a informação de toda a amostra, mas tem o defeito de poder inflacionar os valores obtidos, na medida em que o

próprio item faz também parte da pontuação global, pois se encontra somado aos restantes.

O terceiro, efectuando uma correlação corrigida, entre cada item e o valor global, ao qual foi extraído, caso a caso, o valor do próprio item. Este processo é comparável a um observador, que esteja de fora a seguir um determinado jogo, revelando a correlação obtida o seu interesse pelo jogo que os restantes elementos estão a efectuar.

Na análise de conjunto, expressa no Quadro VI, se atendermos ao que ocorre, por exemplo, com os itens 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 12, 15, 16 e 18, verificamos que há uma constância relativamente grande nas posições relativas de cada um.

A questão número 20 — «Encontro sempre energia para vencer as minhas dificuldades» e a número 8 — «De modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os meus problemas» — revelam-se como as melhores discriminadoras entre um bom e um mau auto-conceito. Por sua vez a questão 12 — «Não sei porquê a maioria das pessoas embirra comigo» — e a questão 3 — «Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades» — são as de pior capacidade discriminatória.

Qualquer das correlações apontadas, considerando a existência dos 920 elementos da amostra, é altamente significativa, a um nível de $P < .001$.

Matriz de correlações entre os itens

Embora exista uma correlação positiva e altamente significativa entre cada questão e a nota global, apontando para a existência de um conceito geral, a matriz de correlações efectuada (Quadro VII) revela a existência de correlações muito variáveis entre os vários itens. Este facto leva a supor que aquele conceito geral é susceptível de corresponder a facetas diferentes. É o que averiguámos por processos de análise factorial.

Factores do I.C.A.C.

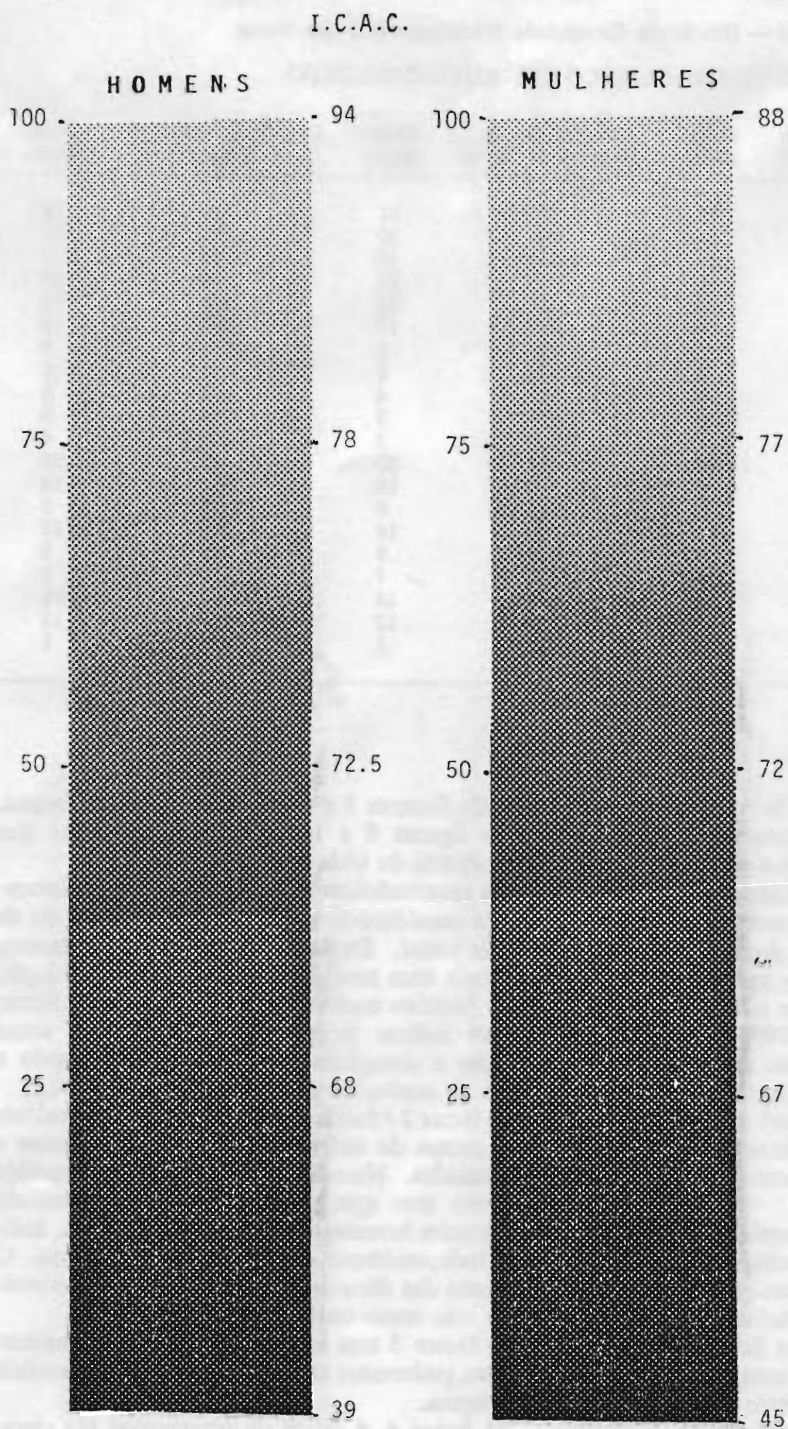
Conforme Jaeger (1983) refere, a análise factorial é «extensamente usada em estudos de avaliação e em investigação, que envolvem o desenvolvimento de novos instrumentos de medida». De acordo com este autor o seu objectivo principal é construir um pequeno número de variáveis, denominadas *factores*, que transmitem a *informação*

QUADRO III

		Frequência de resposta	Porcentagem de resposta
A.C. 1:	Sei que sou uma pessoa simpática.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	31	3
	(4) <i>concordo muito</i>	221	24
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	482	52
	(2) <i>concordo pouco</i>	156	17
	(1) <i>não concordo</i>	30	3
A.C. 2:	Costumo ser franco a exprimir as minhas opiniões.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	125	14
	(4) <i>concordo muito</i>	471	51
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	246	27
	(2) <i>concordo pouco</i>	60	7
	(1) <i>não concordo</i>	18	2
A.C. 3:	Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades.		
	(1) <i>concordo muitíssimo</i>	10	1
	(2) <i>concordo muito</i>	26	3
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	137	15
	(4) <i>concordo pouco</i>	255	28
	(5) <i>não concordo</i>	492	53
A.C. 4:	No contacto com os outros costumo ser um indivíduo falador.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	68	7
	(4) <i>concordo muito</i>	210	23
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	363	39
	(2) <i>concordo pouco</i>	215	23
	(1) <i>não concordo</i>	64	7
A.C. 5:	Costumo ser rápido na execução das tarefas que tenho para fazer.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	65	7
	(4) <i>concordo muito</i>	289	31
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	421	46
	(2) <i>concordo pouco</i>	108	12
	(1) <i>não concordo</i>	37	4
A.C. 6:	Considero-me tolerante para com as outras pessoas.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	89	10
	(4) <i>concordo muito</i>	338	37
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	323	35
	(2) <i>concordo pouco</i>	142	15
	(1) <i>não concordo</i>	28	3
A.C. 7:	Sou capaz de assumir uma responsabilidade até ao fim, mesmo que isso me traga consequências desagradáveis.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	175	19
	(4) <i>concordo muito</i>	441	48
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	208	23
	(2) <i>concordo pouco</i>	63	7
	(1) <i>não concordo</i>	33	4
A.C. 8:	De modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os seus problemas.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	152	17
	(4) <i>concordo muito</i>	483	53
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	213	23
	(2) <i>concordo pouco</i>	61	7
	(1) <i>não concordo</i>	11	1
A.C. 9:	Sou uma pessoa usualmente bem aceite pelos outros.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	35	4
	(4) <i>concordo muito</i>	346	38
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	441	48
	(2) <i>concordo pouco</i>	78	8
	(1) <i>não concordo</i>	20	2
A.C. 10:	Quando tenho uma ideia que me parece válida gosto de a pôr em prática.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	171	19
	(4) <i>concordo muito</i>	517	56
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	176	19
	(2) <i>concordo pouco</i>	43	5
	(1) <i>não concordo</i>	13	1

QUADRO IV

		Frequência de resposta	Percentagem de resposta
A.C. 11:	Tenho por hábito ser persistente na resolução das minhas dificuldades.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	136	15
	(4) <i>concordo muito</i>	349	38
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	273	30
	(2) <i>concordo pouco</i>	93	10
	(1) <i>não concordo</i>	69	8
A.C. 12:	Não sei porquê a maioria das pessoas embirra comigo.		
	(1) <i>concordo muitíssimo</i>	15	2
	(2) <i>concordo muito</i>	25	3
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	84	9
	(4) <i>concordo pouco</i>	254	28
	(5) <i>não concordo</i>	542	59
A.C. 13:	Quando me interrogam sobre questões importantes conto sempre a verdade.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	187	20
	(4) <i>concordo muito</i>	398	43
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	269	29
	(2) <i>concordo pouco</i>	44	5
	(1) <i>não concordo</i>	22	2
A.C. 14:	Considero-me competente naquilo que faço.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	92	10
	(4) <i>concordo muito</i>	411	45
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	349	38
	(2) <i>concordo pouco</i>	53	6
	(1) <i>não concordo</i>	15	2
A.C. 15:	Sou uma pessoa que gosta muito de fazer o que lhe apetece .		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	244	27
	(4) <i>concordo muito</i>	341	37
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	207	23
	(2) <i>concordo pouco</i>	86	9
	(1) <i>não concordo</i>	42	5
A.C. 16:	A minha maneira de ser leva-me a sentir-me na vida com um razoável bem estar.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	45	5
	(4) <i>concordo muito</i>	297	32
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	391	43
	(2) <i>concordo pouco</i>	130	14
	(1) <i>não concordo</i>	57	6
A.C. 17:	Considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	48	5
	(4) <i>concordo muito</i>	316	34
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	431	47
	(2) <i>concordo pouco</i>	97	11
	(1) <i>não concordo</i>	28	3
A.C. 18:	Quando tenho um problema que me afige não o consigo resolver sem o auxílio dos outros.		
	(1) <i>concordo muitíssimo</i>	8	1
	(2) <i>concordo muito</i>	49	5
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	195	21
	(4) <i>concordo pouco</i>	298	32
	(5) <i>não concordo</i>	370	40
A.C. 19:	Gosto sempre de me sair bem nas coisas que faço.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	271	39
	(4) <i>concordo muito</i>	516	56
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	95	10
	(2) <i>concordo pouco</i>	26	3
	(1) <i>não concordo</i>	12	1
A.C. 20:	Encontro sempre energia para vencer as minhas dificuldades.		
	(5) <i>concordo muitíssimo</i>	84	9
	(4) <i>concordo muito</i>	343	37
	(3) <i>concordo moderadamente</i>	370	40
	(2) <i>concordo pouco</i>	98	11
	(1) <i>não concordo</i>	25	3



Percentilagens Homens - Mulheres

QUADRO V

QUADRO VI — Estudo da Capacidade Discriminatória dos Itens

INVENTÁRIO CLÍNICO DE AUTO-CONCEITO

Item	Média do Item	Diferença entre Percentil 25-75	Ordenação	Correlação do Item × A.C. Total	Ordenação	Correlação corrigida A.C. Total × Item	Ordenação
1	3.073	.844	15	.435	11	.344	11
2	3.679	.972	10	.446	10	.351	10
3	4.297	.603	19	.286	19	.175	19
4	3.003	.889	14	.341	15	.218	15
5	3.258	.953	11	.420	13	.318	13
6	3.346	.792	17	.323	17	.207	16
7	3.720	1.179	4	.470	8	.365	9
8	3.765	1.210	3	.563	2	.482	2
9	3.324	1.035	9	.527	4	.450	3
10	3.859	1.068	6	.518	5	.435	5
11	3.424	1.619	1	.548	3	.438	4
12	4.395	.537	20	.281	20	.172	20
13	3.743	.933	12	.393	14	.287	14
14	3.557	1.048	8	.511	6	.428	6
15	3.716	.913	13	.339	16	.206	17
16	3.155	1.102	5	.469	9	.367	8
17	3.282	1.068	6	.498	7	.411	7
18	4.058	.695	18	.305	18	.189	18
19	4.096	.824	16	.425	12	.337	12
20	3.395	1.327	2	.587	1	.504	1

presente num largo número de variáveis, neste caso concreto, existente nos 20 itens do inventário.

Teoricamente admite-se que a *totalidade* da informação transmitida, por um dado conjunto de variáveis, só é possível tendo em conta um número de factores equivalente ao número das variáveis. Contudo, na prática, são precisos apenas um certo número de factores, capazes de transmitir grande parte da informação (Jaeger, 1983).

Tendo efectuado uma análise de componentes principais verificámos que existem seis factores com *eigenvalues* (raízes latentes) superiores a 1. Fizemos de seguida uma rotação ortogonal em que pedimos a extracção de seis factores, atendendo à indicação da análise anterior.

Os seis factores referidos explicam 53,42% da percentagem cumulativa da variância.

Tendo efectuado duas análises ortogonais, escolhemos aquela que trazia uma melhor diferenciação de factores, atendendo ao peso de cada item em cada factor. Para conseguir uma boa definição de factor não considerámos pesos abaixo de .40.

No Quadro VIII estão representados os itens com pesos mais significativos em cada factor.

Verificamos que existem quatro factores perfeitamente bem definidos e, os dois últimos, com um item isolado de peso alto, seguido de outros itens, de pesos menores, já representados noutros facto-

res. Os factores 5 e 6 são, assim, *factores mistos*.

As figuras 8 a 11 apresentam os itens que fazem parte de cada factor.

As características dos itens do factor 1 levam-nos a considerá-lo um factor de *aceitação* ou de *agrado* social. Devemos ponderar, naturalmente, que cada item tem um duplo sentido de variação, tanto positivo como negativo. Assim, este factor, poderá indicar tanto aceitação e agrado como rejeição e desagrado social. Denomina-mo-lo o *factor de aceitação/rejeição social*.

O factor 2 é formado por 6 questões que realçam os aspectos de enfrentar e resolver problemas e dificuldades. Note-se que o item 18 é de sentido negativo mas que, pela sua natureza, é quotado de maneira inversa. Assim, os valores altos, indicam independência e os baixos, dependência. O conjunto das diversas questões levam-nos a considerar este como um *factor de auto-eficácia*.

O factor 3 tem itens que, pelas suas características, poderemos chamar de *factor de maturidade psicológica*.

O factor 4, é difícil de caracterizar tão claramente. Chamar-lhe-emos *factor de impulsividade-actividade*.

O carácter misto dos outros dois factores levam-nos a não lhe arranjar qualquer denominação particular.

QUADRO VIII
(Seis factores contribuem 53,42% para a percentagem cumulativa da variância).

ANÁLISE FACTORIAL
(Rotação Ortogonal)

Item	F 1	Item	F 2	Item	F 3	Item	F 4	Item	F 5	Item	F 6
4	.711	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	.673	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
17	.574	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(.481)
9	.480	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(.469)
16	.408	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	8	.672	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	11	.600	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	20	.596	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	3	.538	—	—	—	—	—	(-.346)	—	—
—	—	18	.481	—	—	—	—	—	(.465)	—	—
—	—	5	.365	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	13	.722	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	6	.569	—	—	—	(.369)	—	—
—	—	—	—	7	.505	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	2	.390	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	15	.788	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	19	.627	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	10	.485	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	12	.758	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Factor 1

- 1 — Sei que sou uma pessoa simpática
- 4 — No contacto com os outros costumo ser um individuo falador
- 9 — Sou uma pessoa usualmente bem aceite pelos outros
- 16 — A minha maneira de ser leva-me a sentir-me na vida com um razoável bem-estar
- 17 — Considero-me uma pessoa agradável no contacto com os outros.

Factor 1 — Aceitação/Rejeição Social
(contribui 20,12% para a Percentagem Cumulativa da Variância)

FIG. 8 — Análise Factorial

Factor 2

- 3 — Tenho por hábito desistir das minhas tarefas quando encontro dificuldades
- 5 — Costumo ser rápido na execução das tarefas que tenho para fazer
- 8 — De um modo geral tenho por hábito enfrentar e resolver os meus problemas
- 11 — Tenho por hábito ser persistente na resolução das minhas dificuldades
- 18 — Quando tenho um problema que me afige não o consigo resolver sem o auxílio dos outros
- 20 — Encontro sempre energia para vencer as minhas dificuldades

Factor 2 — Auto-eficácia
(contribui 9,01% para a Percentagem Cumulativa da Variância)

FIG. 9 — Análise Factorial

Factor 3

- 2 — Costumo ser franco a exprimir as minhas opiniões
- 6 — Considero-me tolerante para com as outras pessoas
- 7 — Sou capaz de assumir uma responsabilidade até ao fim, mesmo que isso me traga consequências desagradáveis
- 13 — Quando me interrogam sobre questões importantes conto sempre a verdade

Factor 3 — Maturidade psicológica
(contribui 6,97% para a Percentagem Cumulativa da Variância)

FIG. 10 — Análise Factorial

Factor 4

- 10 — Quando tenho uma ideia que me parece válida gosto de a pôr em prática
- 15 — Sou uma pessoa que gosta muito de fazer o que lhe apetece
- 19 — Gosto sempre de me sair bem nas coisas que faço

Factor 4 — Impulsividade-Actividade
(contribui 6,2% para a Percentagem Cumulativa da Variância)

FIG. 11 — Análise Factorial

Coef. de Spearman-Brown: N = 920 elementos

$$\frac{2r}{1+r} = .791$$

Teste \times Reteste = .838 N = 108 elementos
Para $r = .3095$ P < .001

QUADRO IX — Testes de Fidedignidade

auto-conceito, logo seguida do factor 1, factor 2 e factor 4, parecendo assim que, dos quatro factores mais importantes, a aceitação social e a auto-ficácia definem melhor como um indivíduo se percebe a si próprio, tendo o factor de maturidade psicológica um significado menor, não deixando, no entanto, de ser também significativa.

Auto-conceito e grupos etários

Gecas (1982) cita que há períodos da vida onde é previsível existirem mudanças do auto-conceito. Refere no entanto estudos de Mortimer et al. (1982) em que os autores verificaram não só a

existência da importância do auto-conceito como capaz de dar forma aos acontecimentos da vida, particularmente o sentido de competência no trabalho e na família, como verificaram igualmente a sua notável estabilidade.

No quadro XI mostramos as médias e desvios padrões obtidos, tanto para o auto-conceito total como para as médias do total dos itens de cada factor, em quatro períodos etários diferentes: adolescentes, adultos jovens, meia-idade e pessoas com 60 e mais anos.

É interessante notar-se que o auto-conceito de valores mais baixos corresponde à meia-idade e, logo a seguir, aos adultos jovens. A meia-idade é um período de vida vulnerável, em que o indivíduo sente, mais do que noutros períodos, a sobrecarga da vida, em termos económicos e profissionais e, o período dos adultos jovens corresponde, muitas vezes, à época do primeiro emprego. Parece-nos que existe assim uma correlação possível entre o auto-conceito e factores de natureza sócio-económica.

O Quadro XII revela-nos as comparações entre os diferentes períodos etários. Verificamos duas ocorrências que se salientam. Uma, a da não existência de diferenças significativas, nas comparações entre os itens constituintes do factor 2, para qualquer período etário.

QUADRO X
Correlação A.C. Pessoal \times A.C. Total e Factores

	A.C. Total	F 1	F 2	F 3	F 4	F 5	F 6
Classificação de A.C. Pessoal	.466	.418	.318	.204	.269	.205	.397

QUADRO XI — Grupos Etários

A.C.	(15 — 19) N = 97		(20 — 29) N = 643		(40 — 59) N = 158		(\geq 60) N = 22	
	\bar{X}	D.P	\bar{X}	D.P	\bar{X}	D.P	\bar{X}	D.P
Total	73.670	6.385	72.291	7.988	70.386	7.804	73.682	5.158
F 1	16.794	2.630	15.874	2.935	15.114	2.727	15.727	2.292
F 2	22.093	3.208	22.180	3.295	22.215	3.392	22.955	3.811
F 3	14.464	2.111	14.484	2.336	14.399	2.340	15.364	2.172
F 4	12.330	1.772	11.821	1.930	10.690	1.928	11.409	1.403
F 5	15.866	1.874	16.059	2.176	16.279	2.126	16.818	2.015
F 6	10.608	1.455	10.170	1.805	9.829	2.016	10.364	1.529

QUADRO XII

	15-19/20-39	15-19/40-59	15-19/ ≥ 60	20-39/40-59	20-39/ ≥ 60	40-59/ ≥ 60
GL	738	253	117	799	663	178
AC	2.872	3.553	n.s.	2.849	n.s.	2.579
F1	6.133	6.717	2.038	3.402	n.s.	n.s.
F2	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
F3	n.s.	n.s.	n.s.	7.729	n.s.	2.046
F4	13.330	9.715	2.925	7.280	n.s.	2.316
F5	n.s.	2.213	2.128	n.s.	n.s.	n.s.
F6	5.475	5.749	n.s.	2.090	n.s.	n.s.

Outra, a circunstância dos jovens adultos não revelarem a existência de qualquer diferença significativa no seu confronto com as pessoas de 60 e mais anos.

Outra, a circunstância dos jovens adultos não revelaram a existência de qualquer diferença significativa no seu confronto com as pessoas de 60 e mais anos.

Verificamos ainda, adicionalmente, que o factor 3, quase não varia no confronto entre os diferentes grupos etários.

DISCUSSÃO

A presente escala de auto-avaliação, constituída por 20 questões, vem-nos revelar a importância que factores de aceitação/rejeição social e de auto-eficácia têm na definição do conceito que o indivíduo faz de si próprio.

Os itens que constituem a escala revelam um bom poder discriminatório, não são sensíveis a diferenças de sexo e, no conjunto, mostram ter boa consistência interna e estabilidade temporal. Sendo a validade de constructo particularmente difícil de ser construída em relação ao auto-conceito, não deixou de revelar uma boa correlação, altamente significativa, entre a forma como uma pessoa se classifica a si própria e a nota global de auto-conceito revelada pela escala.

Poderíamos ter constituído uma escala com maior número de itens. Se assim procedêssemos não teríamos os factores tão claramente identificados e haveria itens que, provavelmente, escapariam à sua definição. Também, pelo contrário, poderíamos ter diminuído mais ainda o número de itens. Com isso aumentaríamos a capacidade de arranjar um instrumento de medida mais coeso ainda, com factores a definirem melhor a variância

da escala. Cremos, no entanto, que se assim fizéssemos, daríamos ensejo a retirar-lhe informação complementar, que lhe faria falta. Importa salientar que tendo sido uma escala orientada, na selecção dos itens, por processos estatísticos, subordinados às leis matemáticas e, por conseguinte, ao rigor da lógica, viesse salientar no auto-conceito do indivíduo a aceitação social e a auto-eficácia, relevadas na literatura como aspectos importantes do funcionamento do indivíduo.

Curioso verificar-se que, embora exista uma boa estabilidade temporal, considerando os resultados do testes/reteste, o mesmo parece não acontecer quando são confrontados diferentes períodos etários. Conforme reparámos, os índices melhores de auto-conceito, registaram-se nos dois extremos dos períodos etários considerados na amostra. Poderíamos especular sobre este aspecto e referir que, o conceito que a pessoa faz de si própria, tende a empobrecer no período activo e de maior responsabilidade na sua vida. Se tivermos em atenção que o auto-conceito se forma do feedback resultante das avaliações das outras pessoas, das comparações pessoais com grupos de referência e ainda com a observação e atribuições do próprio comportamento, somos levados a concluir que na fase que vai dos jovens adultos até aos sessenta anos, a crítica da realidade se torna mais pesada e o auto-conceito se empobrece.

Curioso igualmente comprovar-se que há diferenças significativas em quase todos os factores. Não obstante, no factor 2, correspondente à auto-eficácia, as diferenças não se salientam, em nenhum dos grupos etários. Este facto não é fácil de interpretar e apenas, sobre ele salientamos a ocorrência.

Por fim, há outro ponto que carece de um pequeno comentário.

Sendo o auto-conceito um aspecto importante relacionado com o funcionamento geral do indi-

víduo, sendo difícil estabelecer a validade de constructo, parece-nos possível tentar comprovar a sua *validade predictiva*.

Se, no dizer de Fitts (1972), «quanto melhor o auto-conceito, melhor o desempenho do indivíduo», então, poderemos prever de maneira inversa que, quanto pior o auto-conceito pior também o ajustamento do indivíduo, e mais propenso este se encontra a transtornos de carácter emocional. É o que tentaremos desenvolver noutros trabalhos.

Igualmente tentaremos complementar a escala com outros aspectos importantes para a prática clínica, nomeadamente o auto-conceito físico.

Por fim, gostaríamos de chamar a atenção só para mais um ponto.

É que Frank (1973) assinalou que no bom desenvolvimento afectivo e psicológico de um indivíduo é necessário que, na educação, três mensagens lhe sejam transmitidas: ser aceite, ser autónomo e ser competente.

O ser aceite, advém da circunstância de sentir-se aceite pelos adultos significativos, na etapa do desenvolvimento.

O ser autónomo, provém do facto de se lhe ensinar a ser independente, e a não fazer por ele o que possa fazer por si.

O ser competente, advém da instituição de juízos de valor positivos, dados e formulados de forma contingente, sempre que se desempenha com eficácia.

Atendendo a que a escala que acabámos de descrever foi apurada por processos de natureza estatística e esta se subordina à lógica matemática, então somos levados a ponderar que os seus resultados, lógicos, se aproximam muito do que foi assinalado por Frank.

Isto significa que, por detrás, existem necessariamente aspectos pessoais de educação a determiná-los que, conforme é orientada, assim determina a formação de um bom ou de um mau auto-conceito que, por sua vez, leva a um bom ou a um mau ajustamento do indivíduo.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — BANDURA, A. (1978) — *Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change*, pp. 99-137 in «Annual Review of Behavior Therapy», vol. 6, ed. por C. M. Franks e G. T. Wilson, previamente publicado em «Psychological Review», 84(2):191-215, 1977.
- 2 — ELLIS, A. (1973) — «Como vivir con un neurotico», Editorial Central, Buenos Aires.
- 3 — FITTS, W. H. (1972a) — «The self-concept and performance — monograph», National Technical Information Service, U.S.A..
- 4 — FITTS, W. H. (1972b) — «The self-concept and psychopathology — monograph», National Technical Information Service, U.S.A..
- 5 — FLEMING, J. S. e COURTNEY, B. E. (1984) — *The dimensionality of self-esteem: II. Hierarchical facet model for revised measurement scales*, «J. Person. Soc. Psychol.», 46(2):404-421.
- 6 — FRANK, J. D. (1973) — «Persuasion and Healing», Schocken Books, New York.
- 7 — GECAS, V. (1982) — *The self-concept*, «Ann. Rev. Sociol.», 8:1-33.
- 8 — HOFFMAN, R. A. e GELLEN, M. I. (1983) — *The Tennessee Self-Concept Scale: a revisit*, «Psychological Reports», 53:1199-1204.
- 9 — JAEGER, R. M. (1983) — «Statistics: a spectator sport», Sage Publications.
- 10 — MARSH, H. W. (1984) — *Self-concept, social comparison, and Ability grouping: a reply to Kulik and Kulik*, «Am. Educ. Res. J.», 21(4):799-806.
- 11 — MARSH, H. W. (1982) — *Multitrait-multimethod analyses of two self-concept instruments*, «J. Educ. Psychol.», 74(3):430-440.
- 12 — MARSH, H. W., PARKER, J. W. e SMITH, I. D. (1983) — *Preadolescent self-concept: its relation to self-concept as inferred by teachers and to academic ability*, «Brit. J. Educ. Psychol.», 53:60-78.
- 13 — MARSH, H. W., RELICH, J. e SMITH, I. D. (1983) — *Self-concept: the construct validity of interpretations based upon the SDQ*, «J. Person. Soc. Psychol.», 45(1):173-187.
- 14 — MARSH, H. W., SMITH, I. D. e BARNES, J. (1983) — *Multitrait-multimethod analyses of the Self-Description Questionnaire: student-teacher agreement on multidimensional ratings of student self-concept*, «Am. Educ. Res. J.», 20(3):333-357.
- 15 — MARSH, H. W., CAIRNS, L., RELICH, J., BARNES, J. e DEBUS, R. L. (1984) — *The relationship between dimensions of self-attribution and dimensions of self-concept*, «J. Educ. Psychol.», 76(1):3-32.

- 16 — MARSH, H. W., BARNES, J. e HOCEVAR, D. (1985) — *Self-other agreement on multidimensional self-concept ratings: factor analyses and multitrait-multimethod analyses*, «J. Person. Soc. Psychol.», 49(5):1360-1377.
- 17 — MARSH, H. W. e HOCEVAR, D. (1985) — *Application of confirmatory factor analysis to the study of self-concept: first and higher order factor models and their invariance across groups*, «Psychological Bulletin», 97(3):562-582.
- 18 — McIVER, J. P. e CARMINES, E. G. (1981) — «Unidimensional scaling», Sage Publications.
- 19 — MORTIMER, J. T., FINCH, M. D. e KUMKA, D. (1981) — citados por GECAS, 1982.
- 20 — OPPENHEIM, A. N. (1966) — *Questionnaire Design and Attitude Measurement*, «Heinemann Educational Books Ltd.», London and Edinburgh.
- 21 — SHARPLEY, C. F. e HATTIE, J. A. (1983) — *Cross-cultural and sex differences on the Tennessee Self-Concept Scale: a challenge to Fitt's original data*, «J. Clinical Psychology», 39(5):717-721.
- 22 — SHAVELSON, R. J., HUBNER, J. J. e STANTON, J. C. (1976) — *Self-concept: validation of construct interpretations*, «Review of Educational Research», 46:407-441.
- 23 — SHAVELSON, R. J. e BOLUS, R. (1982) — *Self-concept: the inter-play of theory and methods*, «J. Educat. Psychol.», 74(1):3-17.
- 24 — SOUSA, G. J. D. (1984) — «Um padrão de personalidade ocupacional: o auto-conceito», I.O.P., Porto.
- 25 — WELLS, L. E. e MARWELL, G. (1976) — «Self-Esteem: its conceptualization and measurement», vol. 20 Sage Library of Social Research, Sage Publications.
- 26 — WILLIAMS, R. L. e WORKMAN, E. A. (1978) — *The development of a Behavioral Self-Concept Scale*, «Behavior Therapy», 9:680-681.